

A NOVA RELIGIOSIDADE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

James White

Preletor da XIX Conferência Fiel para Pastores e Líderes (Outubro-2003)

Os verdadeiros crentes são pessoas impopulares hoje. Com isso, estou querendo dizer que, se alguém assume com muita seriedade a verdade e os princípios bíblicos e tem a ousadia de falar a verdade em meio à crise nacional de nossos dias, tal pessoa descobre que está sendo alvo de olhares furiosos. Ao que estamos nos referindo?

Em seguida ao 11 de setembro de 2001, os norte-americanos se tornaram repentinamente muito religiosos. Houve vigílias, cultos de oração à luz de velas em todos os lugares. Pessoas que por muitos anos não haviam proferido a palavra “Deus”, exceto em suas profanidades, tornaram-se bastante piedosas e meditativas. Personalidades do rádio, que na segunda-feira, 10 de setembro, se focalizavam na diminuição das taxas de impostos ou em algum outro assunto político, começaram a refletir sobre o papel do “mal” em nosso mundo. Com certeza, aquela semana causou, de

muitas maneiras, uma reviravolta no panorama espiritual.

Ninguém deve pensar que esta nova religiosidade é um motivo de regozijo para os crentes, pois, de fato, não o é. Sim, ouvimos antigos hinos cristãos serem cantados. Igrejas cristãs imensas estavam repletas no dia do Senhor. No entanto, não existe um “cristianismo parcial”, assim como não existe tal coisa como um cristão que se coloca lado a lado com um mulçumano, um seguidor do judaísmo, do budismo, para declarar: “Adoramos o mesmo Deus utilizando nomes diferentes”. Também não existe um cristianismo que não fala sobre o arrependimento do pecado. A nova religiosidade nos Estados Unidos da América possui dois pilares fundamentais:

a) Existe um único Deus, desconhecido, ao qual as pessoas podem dirigir-se utilizando qualquer dos diferentes nomes que as religiões atribuem a este Deus, nomes que não

revelam absolutamente nada de valor objetivo a respeito da vontade d'Ele concernente à sua própria adoração e ao comportamento dos homens;

b) Este Deus não se ira, não conhece o pecado, nem o juízo. Por conseguinte, qualquer pessoa que ousa afirmar que Ele pune alguém, ou uma nação, é um *herege* fervoroso para a nova religiosidade norte-americana.

O problema pode ser visto com facilidade: os verdadeiros cristãos crêem, fundamentalmente e por necessidade, que existe um único Deus verdadeiro. Este Deus verdadeiro não é Alá; não é Krishna. Também não é o Deus de Joseph Smith, nem Buda, nem os sikhs, nem os bahais. Nosso Deus estabeleceu profundas e grandes diferenças entre Si mesmo e os deuses das nações e das religiões que viviam ao redor de seu povo no passado. Deus fez isso com um propósito específico: buscar a *verdadeira* adoração, que está alicerçada no conhecimento daquilo que Ele realmente é e na revelação de Si mesmo aos homens. Deus não concede aos homens a liberdade de fazer imagens d'Ele, para adorá-Lo de um modo que agrada a criatura, em vez do Criador. Deus é exclusivo quanto à sua adoração. A sua adoração está íntima e vitalmente ligada à verdade. Sem a verdade, não existe adoração ao Deus dos verdadeiros cristãos.

E a verdade revelada pelo Deus dos cristãos nas Escrituras é inquestionável, especialmente no que se refere aos assuntos da lei de Deus, do pecado, da rebeldia, do castigo,

da ira e do julgamento. Uma das atitudes mais surpreendentes a observarmos é a disposição que os “evangélicos” demonstram em pular rapidamente para o vago do “nunca falaremos sobre a ira, ou sobre o pecado, ou sobre a punição”.

O remanescente é tão frágil, que ninguém se levantará para clamar contra esta tolice? *Omitir a verdade sobre o pecado e o julgamento, por causa do temor da opinião e dos sentimentos dos homens, é tornar ridícula a cruz de Cristo!* Não há cruz, não há sacrifício, onde não há pecado nem ofensa que exige a outorga do perdão por intermédio do perfeito sacrifício de Cristo! Aquele que evita falar sobre o pecado e o juízo divino, para “ganhar” o outro, está fazendo isso por infidelidade ao próprio evangelho! E do que esse outro precisa ser ganho? Como apresentar-lhe o evangelho, se não há pecado a ser perdoado no Calvário?

É exatamente neste ponto que a nova religiosidade norte-americana põe as mãos sobre os ouvidos, recusando-se a ouvir. Os Estados Unidos da América querem a bênção de Deus e desejam que Ele nos proteja da visão horrível de aviões voando, propositada e impiedosamente, em direção aos nossos monumentos nacionais. Queremos que Deus esteja perto de nós, quando entramos em nossos aviões; que Ele nos proteja do horror de pensarmos nas circunstâncias ocorridas quando as Torres Gêmeas ruíram. Queremos que Deus guie os nossos militares, nos permita curvar nossos músculos e lançar impunemente nossos mísseis. Queremos a bênção de Deus, um Deus

cuidadoso, que tão-somente satisfaça nossos caprichos e necessidades. Este é o “Deus” da nova religiosidade nos Estados Unidos da América.

No entanto, os Estados Unidos *não* querem um Deus santo, que é justo e tem revelado sua vontade a respeito de como devemos viver, nós que somos suas criaturas. Os Estados Unidos são uma terra encharcada de sangue; nos gloriamos na violência, somos tão egoístas, tão presos em nossa avareza, fornicação, paixões sexuais, que assassinamos nossos descendentes ainda no ventre.

Nossas mãos estão cobertas de sangue; e ainda pensamos que acender velas, levantando-as em nossas mãos, enquanto sussurramos “Deus abençoe a América”, nos trará o favor de Deus? Ouça a Palavra dirigida a outra nação que também era “religiosa”, mas se recusava a ouvir a palavra de arrependimento:

“Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue” (Is 1.15).

A SEGUNDA INFÂNCIA

Abraham Kuyper

Originalmente a adoração divina apareceu inseparavelmente unida à arte, porque, no estágio inferior, a Religião ainda está inclinada a dissipar-se na forma estética... o esforço mais nobre deve ser libertar a religião e a adoração divina mais e mais de sua forma sensorial e encorajar sua vigorosa espiritualidade...

O fato de uma reintrodução do simbólico em nossos lugares de adoração ser ardentemente desejada, devemos à triste realidade que a pulsação religiosa em nossos dias está muito mais fraca do que estava nos dias de nossos mártires. Mas longe de pedir emprestado desta o direito de descer ao nível inferior da religião, esta fraqueza da vida religiosa deve inspirar à oração por uma obra mais poderosa do Espírito Santo. A segunda infância, em sua velhice, é um movimento retrógrado, doloroso. O homem que teme a Deus e cujas faculdades permanecem claras e inalteradas, não retorna do ponto de maioridade para os brinquedos de sua infância.